



DEUSA VIVA

*Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea
Lua Cheia – Maio de 2018 – nº 227*

Ceres - A nutrição da Deusa

por Jakeline M. Abreu

*Senhora dos Grãos, Senhora da Terra
Ensina-nos a arte de plantar,
traga-nos a dádiva de colher;
Faça profundas as nossas raízes,
torna fortes nossos galhos aos céus*



Ceres, a deusa mais generosa dentre o panteão romano, rege a fertilidade, o amor maternal, a agricultura e a nutrição. Seu aspecto de Deusa-Mãe protege o matrimônio, os animais e os cultos de vida, morte e renascimento.

A palavra Ceres possui raiz indo-europeia e significa crescer ou criar; é exatamente dessa semântica que deriva “cereal”. Regente das regras agrícolas, a deusa Ceres presenteou os homens com as técnicas de plantio e colheita, ensinando-lhes os mistérios da transformação dos grãos em pão e bebidas fermentadas. Deusa reguladora, mantém o equilíbrio dos ciclos naturais, sendo chamada “A Senhora das Estações”, “A Verde” e “Aquele que Atrai o Fruto”.

Os animais de Ceres têm importantes papéis na representação de elementos chave da vida. O leitão simboliza a fertilidade; o cavalo ligado à agricultura e a cobra, por viver junto a terra, é uma profunda conhecedora de seus segredos.

Habitualmente, a deusa é representada por uma bela mulher de cabelos claros caindo desordenadamente sobre os ombros; uma clara referência aos campos de grãos maduros. De fato, é comum que uma coroa de espigas de trigo também venha adornando sua cabeça, assim como a papoula, símbolo de fecundidade. A Deusa exibe talhe majestoso e seios fartos devido à sua natureza nutridora. Em suas mãos carrega a foice, como instrumento da agricultura, e também a cornucópia, símbolo composto tanto da figura fálica, em uma ponta, quanto da forma de um útero, na extremidade oposta, mostrando a sutileza da energia fecunda da Deusa dos Trigos.

O mito de Ceres remonta ao chamado à proteção materna e ao dom da empatia. Filha do titã Saturno - o Tempo - e Cibele - a Mãe dos Deuses - Ceres foi devorada por seu pai juntamente com seus irmãos Juno, Vesta, Netuno e Plutão, em uma brilhante alegoria de que o tempo tudo consome. No entanto, seu irmão mais velho, Júpiter, os salvou.

Apaixonado pela beleza da irmã, Júpiter, Rei dos Deuses, tem com ela uma filha: a bela deusa das flores Prosérpina.

Filha única de Ceres, Prosérpina era muito amada e protegida pela mãe. Um dia, brincando em Eleusis, lugar onde moram os mortais, Prosérpina vê uma flor de narciso, pela qual fica encantada; ao cheirá-la, cai inconsciente. Narciso deriva da palavra narke, significando “entorpecido”. A flor, também símbolo da vaidade, representa o primeiro portal onde a jovem menina submerge na profundidade da tomada de consciência de si mesma.

Tal flor de narciso havia sido apresentada a Prosérpina propositalmente por Plutão, Deus do Submundo, que desejava tomá-la para si e levá-la a seu reino escuro. Seu intento foi alcançado quando o chão se abriu e o rapto se concretizou.

Ao notar a ausência de sua filha, Ceres se alarmou e saiu pelo mundo dos mortais à sua procura. Sua peregrinação de nove dias e nove noites, sem nenhuma pista, a levou à materialização de seu sofrimento: durante o tempo em que procurou por Prosérpina, a terra ficou sem vegetação e sem fertilidade. Ceres, das loiras tranças, torna-se a mãe enlutada, velha e enrugada como a terra ressequida, e sua penúria significou a penúria de seu próprio povo.

Em sua jornada, aproximou-se de Elêusis e se empregou de ama para o filho do rei local. A criança, Triptólemo, amoleceu o coração de Ceres, que o amou tão profundamente a ponto de planejar torná-lo um deus, alimentando-o com ambrosia e néctar. No entanto, quando estava prestes a queimar a mortalidade da criança na fogueira, e assim conceder a ela a imortalidade dos deuses, foi impedida por sua mãe verdadeira. Conta-se que foi a Triptólemo que Ceres confiou os segredos do cultivo da terra, afinal, uma vez que o clima se tornou inconstante devido à tristeza da deusa, fazia-se necessária atenção ao manejo agrícola.

A dor crescente de Ceres a levou a instalar um grande templo seu em Elêusis e lá permanecer resoluto a jamais permitir que qualquer tipo de vegetação brotasse da terra. O clima gelado castigava os campos e os homens passavam fome.

Obrigado a tomar uma atitude, Júpiter precisou intervir, solicitando a Plutão o retorno da jovem Prosérpina. Plutão alegou que a deusa das flores já havia experimentado a comida dos mortos, três grãos de romã, e isso era decisivo para mantê-la no submundo. O vermelho da romã é uma analogia ao sangue menstrual, à menarca, ou mesmo à primeira relação sexual, representando o primeiro contato da menina Prosérpina com seus ciclos de vida-morte-vida, processo transformador e sem volta. A jovem semente, plantada na escuridão do submundo, havia atravessado o doloroso processo de rompimento, do qual não poderia mais voltar.

Diplomata, Júpiter fez um acordo entre Ceres e Plutão: Prosérpina passaria nove meses do ano com sua mãe e três meses no submundo. Ceres recebe de volta Prosérpina, agora não mais sua filha infante e sim uma mulher conhecedora da sexualidade, separação e morte.

Mesmo com a libertação de Prosérpina, durante os meses que dela se separava, Ceres enviava miséria à terra para que a vegetação declinasse; era o inverno. Quando a filha estava de volta, tudo brotava e florescia; a primavera. Desse episódio mitológico originaram-se as estações do ano e os ciclos dos trabalhos agrícolas.

O mais antigo documento contendo a narrativa desse mito é o belo “Hino a Deméter”, associado a Homero, uma vez que Deméter é o nome grego para a deusa Ceres.

Em homenagem à peregrinação de Ceres, numerosos festivais eram realizados. Nas Cereálias ou Festas de Ceres, eram celebrados a chegada da primavera e o fim do inverno. Nesses manifestos, mulheres de branco corriam com tochas acesas representando a deusa e jogos, concursos e corridas de biga eram propostos. Na Grécia, celebravam os Mistérios de Elêusis, que por dois mil anos antes do cristianismo foi a principal religião dos gregos. As celebrações de Elêusis experienciavam a volta e a renovação da vida depois da morte.

O arquétipo de Ceres é despertado tão logo a mulher recebe nos braços um filho, sendo as dores do parto consideradas uma transição iniciática. Porém, a condição materna não é somente restrita às mulheres que pariram, mas também às que adotaram, receberam enteados ou lançaram seus cuidados em favor de familiares e amigos. Bem como retratado quando Ceres adotou Triptólemo, seu amor é agregador e irrestrito, ainda que por uma criança que não saíra de seu ventre. Ainda podemos estender esse conceito de cuidado maternal para projetos e sonhos, sempre passíveis de gerar grandes jornadas.

A escritora Jean Shinoda Bolen classifica Ceres/Deméter como deusa nutridora, sustentadora, prestativa e doadora, personificada na mulher que tem por grande missão o acesso da força da maternidade e do cuidado com o outro. Ceres fornece o alimento físico para a humanidade como deusa do cereal e também o alimento espiritual no acesso aos mistérios de sua longa jornada de resgate à filha. Podemos reconhecer diversas mulheres na história mundial que conseguiram impulsionar o mundo com atitudes generosas e altruístas. Madre Teresa e Malala Yousafzai são exemplos de mulheres com a capacidades



de renunciar às suas necessidades para se doar ao bem-estar de um grupo, provando que o aspecto de Ceres não está restrito apenas ao ser mãe de forma literal.

Fazendo alusão à afirmação de Carl Jung que “em toda mãe já existiu uma filha e em toda filha já existiu uma mãe”, notamos que o amor de Ceres e Prosérpina é um vínculo mágico e estreito. A mãe vê a si mesma em sua cria e sente a amputação quando acontece a quebra do laço entre eles, porém, esse afastamento e aproximação - mergulho nas sombras e subida à luz - convertem-se na percepção da dualidade, no ciclo de nascimento e renascimento.

Embora muitas deusas da mitologia romana tenham sido mães, o arquétipo materno em seu primor está representado por Ceres, pois é tal condição que a faz atingir sua plenitude. Não somente sob o aspecto de mãe física de Prosérpina, mas também como criadora da vida vegetal, mantenedora das estações do ano e da esperança. Ceres nutre a cada uma de nós com a inspiração da força vital transbordante e da doação.

A deusa Ceres nos convoca para, além de nos colocar a serviço, estarmos atentas às nossas necessidades pessoais e identificarmos os momentos em que nos encontramos sobrecarregadas e em vias de abdicarmos de nossas tarefas. Tornar-nos esgotadas, apáticas, ressentidas ou magoadas, nos chama a maternar a nós próprias, gerar nossos verdadeiros sentimentos, nutrir-nos antes de nutrir o outro. Devemos reconhecer que não somos um recurso natural ilimitado e que é indispensável que tenhamos periódicos momentos de manutenção de energia.

O mito ainda carrega o forte tema da permissão da partida dos filhos para que cresçam e amadureçam em seus próprios processos, a confiança no trabalho de criação realizado enquanto são jovens e a fé de que terão sucesso em sua jornada. Ainda nos é ensinado nesse arquétipo que saibamos ser claras quanto às nossas demandas e solicitações, estabelecendo diálogo e negociação como fez Ceres junto a Júpiter. E em principal, encontrar nossa vitalidade para emergir de um período de perda e sofrimento, transmutando a dor em sabedoria e compreensão espiritual.

Ceres é o maior objeto do cinturão de asteroides localizado entre Marte e Júpiter. Ele foi o primeiro asteroide a ser descoberto e, originalmente, foi classificado como planeta (ano de 1801). No entanto, em 1850, após a descoberta de vários outros objetos com órbitas similares, ele foi rebaixado a asteroide e, em 2006, reclassificado como planeta anão, assim como Plutão.

Para a astrologia, este e 3 outros asteroides (localizados no mesmo cinturão) estão relacionados a aspectos da expressão feminina: Ceres, Pallas Atena, Juno e Vesta. O estudo da influência desses astros é relativamente recente, e muitos astrólogos preferem se dedicar apenas aos astros e planetas mais tradicionais. No entanto, para as mulheres que estão envolvidas no resgate da força e do sagrado feminino, esses asteroides podem trazer informações valiosíssimas a respeito de suas qualidades e forças femininas.

Ceres representa, no mapa de nascimento, uma energia extremamente poderosa, pois é a representação da própria mãe natureza, capaz de dar a nutrição de uma forma natural e fluida. De acordo com signo, casa e aspectos que faz no mapa, ela mostra o que você é capaz de dar ao mundo como uma colheita constante.

Atualmente, alguns astrólogos adotam Ceres como regente do signo de Virgem, apesar de suas qualidades estarem presentes, também, no signo de Câncer e no eixo Touro/Escurião.

Ceres, como Mãe provedora e princípio de amor, que nutre o corpo físico, o emocional e o espiritual, está relacionada com signo de Câncer porque, no mapa, pode simbolizar a função maternal, a forma como nos nutrimos na infância e como nos expressamos como mãe/pai. Está ligada, também, ao amor materno incondicional representado por este signo.

Receita: Pão de Grãos

Ingredientes:

- 1 e 1/2 xícara (chá) de água morna
- 2 e 1/2 colheres (chá) de fermento biológico seco
- 2 colheres (sopa) de açúcar demerara ou mascavo
- 4 colheres (sopa) de óleo de coco, girassol ou milho
- 2 xícaras (chá) de farinha de trigo branca
- 2 xícaras (chá) de farinha de trigo integral
- 2 colheres (chá) de sal
- 1/2 xícara (chá) de aveia em flocos
- 2 colheres (sopa) linhaça dourada
- 2 colheres (sopa) linhaça escura
- 2 colheres (sopa) gergelim branco
- 2 colheres (sopa) de chia
- 3 colheres (sopa) sementes de girassol

Modo de Fazer:

Comece misturando o fermento com o açúcar e a água na tigela da batedeira com o acessório de gancho, se não tiver misture em uma tigela grande.

Acrescente o óleo, a farinha de trigo, a aveia e o sal. Ligue a batedeira, se estiver usando uma, e comece a bater em velocidade baixa, ou misture com uma colher firme.

Quando começar a formar uma massa, aumente a velocidade para média, e bata por uns 3 a 5 minutos, até formar uma massa mais uniforme, lembrando que você pode fazer tudo isso na mão caso não tenha batedeira com o acessório de gancho.

Adicione as sementes e bata mais um pouco até misturar bem. A massa deve ficar macia e grudar levemente nas mãos, isso faz com que o pão não fique seco.

Forme uma bola com a massa, coloque em uma tigela grande untada com óleo, cubra com um plástico para não ressecar e deixe crescer até dobrar de volume por aproximadamente 1 hora, em local quente.

Depois de crescer, coloque a massa em uma superfície enfarinhada, pressione com o dedos tirar o ar e enrole no formato do pão.

Coloque em uma forma de pão untada com óleo e enfarinhada e deixe crescer novamente até dobrar de volume. Pré aqueça seu forno a 180°C, enquanto isso prepare o pão para assar. Salpique as sementes que preferir para decorar e leve para assar por aproximadamente 30-40 minutos ou até o pão ficar bem dourado.

Portanto, a leitura de Ceres no mapa contribui com informações sobre a função maternal e complementa o contexto já trazido pela Lua natal.

No mito, ao se separar de sua filha, Ceres vivencia a força do apego, da perda, da morte, do renascimento e do sofrimento, e estas qualidades estão relacionadas com o eixo Touro/Escurião. Trazem o aprendizado de que as perdas temporárias prenunciam a renovação, a regeneração e a promessa do eterno retorno.

Na energia de Virgem, Ceres está relacionada aos ciclos da natureza, à sazonalidade, à alimentação que fortalece o corpo. Muitas vezes a posição de Ceres vai indicar onde a pessoa enfrentará a falta e a abundância, então a recomendação é que se busque o equilíbrio das energias do signo e casa onde Ceres se encontra - alguém que possua esse asteroide no signo de Virgem, por exemplo, teria que buscar o equilíbrio entre o trabalho e o repouso.

Mas, de uma maneira geral, Ceres indicará a qualidade de seu poder nutridor: em Áries, o poder de nutrir a autossuficiência; em Touro, a estabilidade e a perseverança; em Gêmeos, a agilidade na comunicação; em Câncer, o cuidado atencioso; em Leão, a autoconfiança; em Virgem, o conhecimento dos ciclos pessoais; em Libra, a cooperação e a harmonia; em Escurião, a intensidade e a profundidade; em Sagitário, a motivação e a expansão; em Capricórnio, a determinação e a realização; em Aquário, a liberdade e a solidariedade; em Peixes, a compaixão.

Para quem desejar se aprofundar, sugiro a leitura do livro "Asteroide Goddesses" de Demetra George e Douglas Eloch.

Templo das Musas

Deusa é

Amandara Yin



Deusas somos,
Retomemos essa memória
De toda nossa história
De mutilações desnecessárias,
Das condutas doutrinárias
Que o patriarcado nos deu...
Jogo fora por não precisar
Limitar meu pensamento,
Nem cair no enquadramento,
Pois sou dona da criação,
Da purificação,
Da minha menstruação,
E todos os elementos.
Somos o ar
No dar e no receber
O prazer,
A intuição
A alegria
A euforia
De viver um dia de cada vez.
Toda natureza
Saúda minha manifestação
No banho das águas do encanto
Molhando meu corpo nu.
Na magia do meu canto
Beleza da vibração
Da energia das minhas mãos...
Que fertilizam essa terra.
E mesmo quando eu
Jogada na fogueira
Nessa estúpida lareira
Da coletiva cegueira
Renasço das cinzas como uma fênix
Porque Deusa eu sou
E não me esqueci.

do livro *Sangrando Feminino*

“A Grande Mãe representa a totalidade da criação e a unidade da vida, pois ela é imanente, por existir em todos os seres e em todo o universo, ela é intrínseca à força da vida, aos ciclos da natureza e aos processos de criação. A principal diferença entre o pai patriarcal, celeste e a mãe cósmica e telúrica é a condição transcendente e longínqua do criador e a essência imanente e eternamente presente da criadora, em todas as manifestações, reinos e forças da natureza.”

(Mirella Faur)

Enquanto mergulho na memória ancestral, rodeada pelos tantos escritos sobre sua origem, Ela me convida a um respiro lá fora, mais perto da natureza. Talvez possa encontrar inspiração no aroma do jasmim de outono, em plena tarde de maio. Ou, na sensação que o frio traz quando chega aos poucos, dando passagem ao ciclo. Diante dos meus olhos, Ela, gentilmente, colore o céu em tons de rosa sobre o azul, retirando nuances de uma misteriosa paleta ao traçar as nuvens. Observo a força de um cinza quase negro no extremo oposto, anunciando a tempestade que se aproxima.

De volta aos escritos, a imagem de uma antiga Vênus me convida ao retorno às cavernas e Ela se revela com seu ventre largo e seios fartos, simbolizando a abundância e a fertilidade da Grande Mãe geradora e nutridora, representada nas pinturas rupestres pré-históricas, nas esculturas, nas gravações e nas inscrições do período Paleolítico, há uns 30.000 anos (pelo menos) ou esculpidas nas pedras polidas do Neolítico, entre 12.000 e 4.000 a.C.

Lá fora, a paisagem muda, a tarde cai e os pássaros silenciam. A chamada “Hora de Maria” prenuncia um momento mágico entre o dia e a noite e me traz a lembrança Dela oculta sob o manto da Deusa-Mãe Maria, mesmo que tenhamos esquecido dos seus tantos nomes, reverenciados em diferentes culturas e tradições, como Ma, Senhora dos Animais da Anatólia; Maanemo, Mãe Terra na Finlândia; Mahte, na Lituânia; Ma-emma, padroeira da natureza dos eslavos; Makara Sankranti, Deusa-Mãe hindu; Mah, Mãe Criadora da Mesopotâmia; Bagan, Grande Mãe do povo filipino; Danu, Grande Mãe da Irlanda; Frigga, deusa nórdica da fertilidade da terra, protetora das famílias; Demeter ou Ceres, Deusa-Mãe da agricultura e dos grãos na cultura greco-romana... infinitas são suas faces e atributos.

O culto a Ela se perdeu ao longo dos tempos, o que resultou nas nossas ações destrutivas, na degradação e poluição do planeta e no desrespeito aos demais seres da criação.

Nos distanciamos da sabedoria ancestral de pacíficas sociedades matrifocais e matrilineares, as quais honravam e reverenciavam a Mãe Terra como divindade, fonte da vida e da sustentação de toda a humanidade.

Clarissa Pinkola Estés, em seu livro *Mulheres que Correm com os Lobos*, alerta que a falta de conexão com a deusa-mãe-criadora nos privou, também, do contato mais profundo com os arquivos da nossa própria história e da memória preservadora da tradição feminina, causando desequilíbrio no psique de homens e mulheres.

Segundo a hipótese Gaia (que surgiu no fim da década de 70 inspirada na Deusa-Mãe grega), o planeta Terra se comporta como um só organismo vivo e todos os seres são capazes de modificar o ambiente em que vivem. Ou seja, pela teoria Gaia, estamos todos interligados e cada ser estabelece relações com o meio ambiente. O momento é de resgatar uma nova consciência do sagrado, em sintonia com as reais necessidades do planeta mãe.

Anoitece totalmente. A ventania passa varrendo as folhas e lambendo o que vê pela frente. Chove fora de época, causando surpresa e alguns estragos. Sim, a Mãe reage.

E Ela... Sopra-me as palavras de uma antiga música, cantada pelos índios colombianos Cagaba: “Ela é a mãe das canções, a mãe de toda a nossa semente, gerou a todos nós no início. Ela é a mãe de todas as raças dos homens e a mãe de todas as tribos. Ela é a mãe do trovão, a mãe dos rios, a mãe das árvores e de todas as coisas, ela é a mãe das canções e das danças. Ela é a mãe do mundo e de todas as velhas irmãs pedras. Ela é a mãe dos frutos da terra e a mãe de tudo o que existe... Ela é a mãe dos animais, e a mãe de toda a via láctea... Ela é a mãe da chuva, a única que temos, ela, só ela, é a mãe de todas as coisas...”.
Benção, Mãe!

Workshop

Danças Circulares e o Milionésimo Círculo

Com Renata Ramos, um dos principais nomes da dança circular no Brasil

Workshop: 30 de junho, de 9h às 17h30

Valor: R\$ 280,00

Baile Circular: 29 de junho, de 19h30 às 22h

Valor: R\$ 30,00 (entrada gratuita para os participantes do Workshop)

Ingressos: unipazdf.org.br

Informações: (61) 3380-2069 / 99818-2860 e eventos@unipazdf.org.br

Próximos rituais

Plenilúnio: Celebração da Deusa Lâmia
28 de junho (quinta-feira) às 20h
Só para mulheres

Plenilúnio: Celebração da Deusa Hatshepsut
27 de julho (sexta-feira) às 20h
Só para mulheres

Celebração de Lammas: Festival da Colheita
1º de agosto (quarta-feira) às 20h
Aberto a mulheres e homens

Deusa Viva

Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea

Expediente

Edição: Andrea Boni
Diagramação: Cynthia Sims
Textos: Andrea Boni, Jakeline Mendes Abreu, Amandara Yin
Imagens: Internet
Informações:
www.teiadethea.org
(61) 98233-7949
teiadethea@teiadethea.org
deusaviva@teiadethea.org